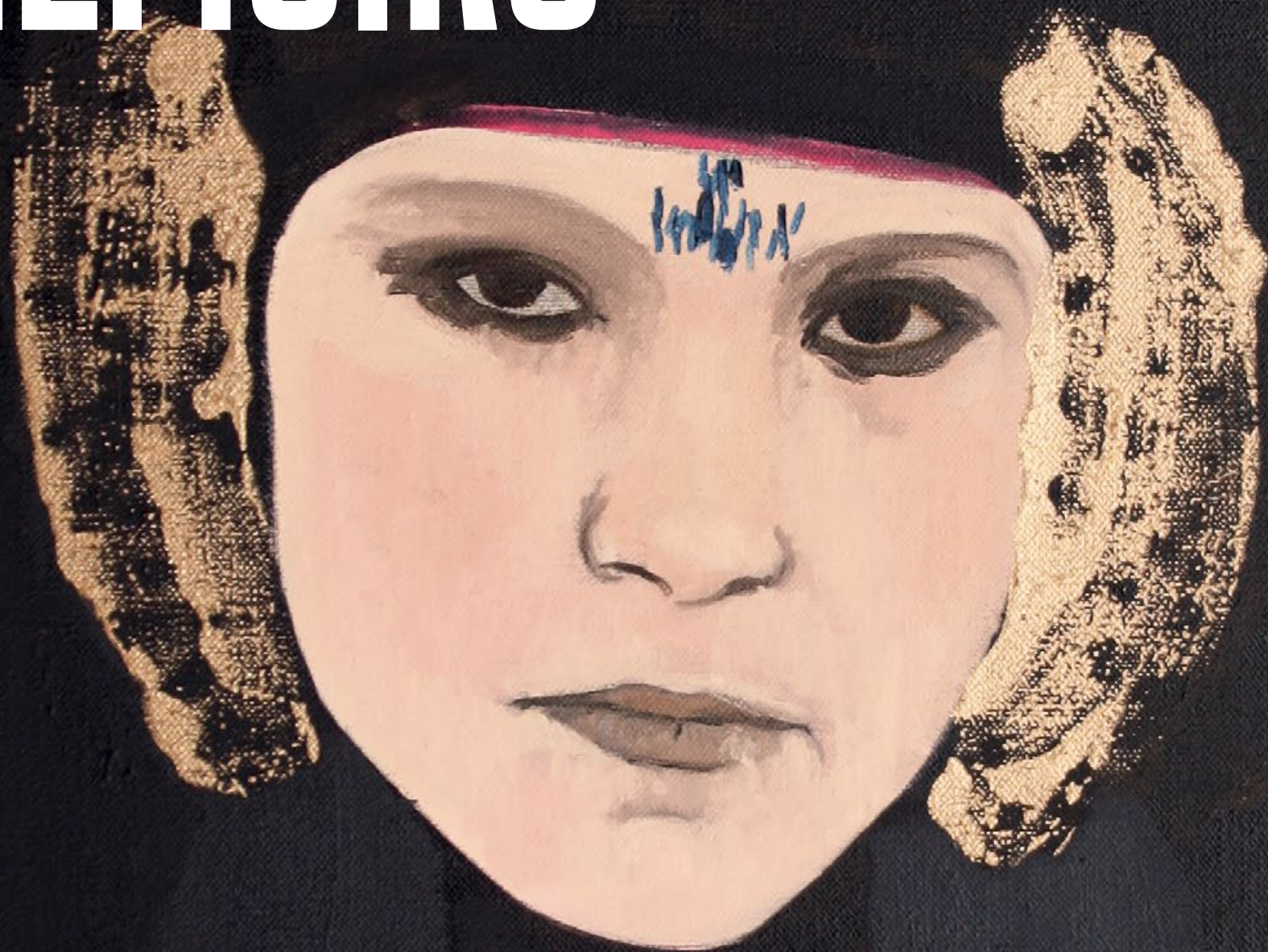


_MEMOIRS



LUANDA, LISBOA, RIBEIRINHA E VOLTA

BRUNO MACHADO NASCEU EM 1982, É FILHO DE UM ANTIGO COMBATENTE NA GUERRA COLONIAL E TEM FAMILIA LIGADA A ANGOLA. O SEU TESTEMUNHO REVELA A FORÇA DAS MEMÓRIAS FAMILIARES TRAUMÁTICAS NAS GERAÇÕES SEGUINTE. BRUNO MACHADO REALIZOU O PRIMEIRO ESTUDO SOBRE FILHOS DE “RETORNADOS”.

A família do meu pai viveu parte da vida em Angola. O meu pai ainda hoje, de certa forma, “vive” em Angola. Quando encontra alguém que tem alguma ligação a Angola, encanta-se completamente. Vem aquele passado perdido: Luanda, a esplanada, a guerra, os meus tios. Tenho casos na família com cicatrizes psicológicas e físicas, pessoas que viveram momentos muito duros, quer devido à Guerra Colonial, quer ao retorno. O meu pai decidiu ir para África com 13 ou 14 anos, para ao pé de uma das irmãs mais velhas, a minha tia, que vivia em Luanda. Em 1969, estávamos em guerra, e o meu pai ofereceu-se como voluntário, foi para a Força Aérea. Não sei se foi pela causa, se por contágio, ele já tinha dois irmãos na guerra e, como o meu avô já tinha falecido, penso que até poderia ter utilizado a cláusula do amparo à mãe. Mas o meu pai fez carreira militar e depois da independência, já em Portugal, ingressou na GNR. Eram oito irmãos, da Ribeirinha, em Trás-os-Montes, onde passávamos as férias grandes. Do lado da minha mãe, era tudo mais liberal, e não há ligações a África. Encontraram-se em 1976, casaram em 1979 e eu nasci em Lisboa em 1982.

Cresci com estas histórias à minha volta. “Um dia tens que ir lá, porque é completamente diferente daquilo que conheces”, “nunca vi o céu tão bonito como em África”. Mais tarde, estas imagens começaram a ganhar alguns contornos políticos. Quando se começa com 14 ou 15 anos a falar de certas teorias à refeição – que o comunismo é isto, o comunismo é aquilo – quando se começa a interrogar tudo, o meu pai foi-me dizendo

como via os acontecimentos e eu acho que o meu pai me ensinou que as coisas não são a preto e branco, e eu tendia a ver as coisas assim. Angola para mim é sempre uma Angola transmitida pelo meu pai, não há hipótese de contornar isso, não tenho interesse em lá ir. Prefiro viver nas memórias do meu pai. O meu pai pintou tão bem o quadro que eu acho que não quero esborratá-lo. Mas é uma dicotomia violenta entre o mágico e o brutal, e quase traumatizante, pelas vivências que, não são apenas as boas e da juventude, são também as vivências da guerra e da saída dos portugueses. O meu pai ainda hoje conta com muita mágoa o que eram famílias inteiras, perdidas à espera do avião, que ele sabia que não chegaria tão cedo. Houve histórias trágicas que o meu pai me contou. São coisas que foi contando ao longo dos anos, coisas que provavelmente o atormentavam e que foi partilhando aos poucos comigo, com o avançar da idade, dele e minha. Lembro-me que, quando estava na escola, falavam daquela coisa maravilhosa que tinha sido a descolonização, e obviamente para mim também era, os povos a libertarem-se, os países independentes. O fim do regime salazarista, da opressão, a liberdade finalmente. Lembro-me de ter amigos e colegas cujos pais eram revolucionários e tinham sido contra o regime, tinham desertado e essas pessoas eram tratadas de uma forma especial. No meu caso, o meu pai, a minha família que vinha de Angola, era diferente. Faziam parte daquela imensidão de pessoas que, às páginas tantas, estava a lutar mais pela vida do que propriamente pelo regime. Na minha casa havia um lado da história que não estava nos livros, nem nas conversas, nem nas aulas, e que foi a vida de pessoas normais de repente lançadas para situações de violência, de vidas abruptamente interrompidas. Estas histórias da escola e de casa não eram coincidentes.

Os objetos que havia nas casas também me davam sinais de África, mas ao longo dos anos foram desaparecendo. No entanto, o meu pai sempre foi uma pessoa de manter tudo o que são coisas relacionadas com Angola num baú, uma caixinha com um álbum de tudo o que são fotografias de África e outras coisas. Não era secreto, mas era apelativo. Tinha uns postais com animais exóticos, fotografias em que podia ver um pai que eu não conhecia: um pai com uma guitarra na mão, um pai com umas patilhas grandes, um pai

fardado, um pai com uma camisa havaiana em Luanda. Sempre tive muita curiosidade e gradualmente ele foi associando histórias. Mas para mim a Cuca é um dos objetos eleitos. A Cuca são os bons momentos do meu pai em África com amigos, mesmo no contexto da Guerra Colonial, aqueles momentos depois de, se calhar, lidar com situações mais complicadas. Quando eu era mais pequeno, a Cuca era uma bebida, mas agora mantém-se nas latas como um objeto. O meu pai partilha comigo, dizendo “põe lá na tua prateleira, na sala ou na cozinha”. Acho que é a questão de continuidade que ele gosta de dar. Sempre pensei que com o tempo as memórias de Angola fossem ficando mais amenas, mas assisto ao contrário. As memórias do meu pai vão ficando cada vez mais pesadas, e a Cuca é um símbolo do bom momento. Acho que é por isso que ele não a abre, que ele deixou de a abrir.

Estas vivências foram muito importantes na minha formação. Fiz uma tese de mestrado sobre os “filhos dos retornados”, como é habitual dizer. Creio que só com este trabalho percebi como todas estas histórias me tinham moldado de uma forma mais profunda: não tinha sido só o meu pai a contar-me umas historiazinhas sobre África, tinha sido uma coisa mais transversal ao longo da minha vida. Já não era só a história do meu pai. E tinha curiosidade de ver se as pessoas da minha geração teriam passado pelo mesmo processo. E verifiquei que a Guerra Colonial, a descolonização, a saída de África tiveram um impacto enorme, muito maior do que o que eu imaginava nas gerações seguintes.

Há aquela música dos Delfins, “Aquele Inverno”, que fala disto, do abandono, do ressentimento. Lembro-me de uma vez ir com o meu pai no carro e de ouvirmos a música. Não é uma memória dos pais ou dos filhos, é de todos.

Edição de Margarida Calafate Ribeiro e Mónica V. Silva



Foto: Cuca, Nuno S. Gonçalves, 2019 (cortesia do fotógrafo)



Pintura da série Mãos, de Teresa Dias Coelho, 2016 (cortesia da artista)